

# MOISÉS

## A TRAVESSIA

### MAR VERMELHO

PARTE 3

Egito e Sinai  
DELTA DO NILO  
menses (Zoa)

GÓSEN

Pitom

EGITO

Lagos  
Camargos

DESERTO DE SUR

Gaza.

CANAA

Parte - 1

JERICÓ

AMOM

Hesbo

Mante M

Mar  
Morto

NEGUEBE

MOAB

DESERTO  
DE ZIM

Cades-Barnéia

Puno m

EDOM

DESERTO  
DE PARA

•Mara

Elim

Mar  
Vermelho

Península  
do Sinai

Hazerole

Monte Sinar  
(Horebe)

Colfo de  
Acaba

MIDIÁ

Rata tradicional

Rotan alternativas

Caminho para a lema dos filter

50 100 150 200

Quilômetros

Sociedades Biblicas Linidas 1995



INSTITUTO DE ENSINO  
RESTAURAR

PR. DELTON MATHEUS

## Compreendendo a história.

Esse período que representado na história de Êxodo é rico em simbolismo, que conduz por uma viagem de libertação e consagração do povo israelita. Esta nação, eleita por Deus e recém-libertada da escravidão egípcia, está em um ponto decisivo de sua trajetória. Encontram-se no limiar, à beira de atravessar o deserto rumo à liberdade e ao cumprimento da promessa da Terra Prometida.

A ordem do Senhor a Moisés para que todo primogênito de Israel fosse consagrado a Ele, tanto de homens como de animais, a narrativa bíblica a respeito da vida religiosa de Israel, mostra que assim como as primícias das colheitas, os primogênitos eram sagrados ao Senhor, pois apontavam para o fato de que a Deus pertence todas as coisas.

## Consagração dos Primogênitos - Símbolo da submissão

*Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: 2 Santifica-me todo o primogênito, o que abrir toda a madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é. 3 E Moisés disse ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o Senhor vos tirou daqui; portanto não comereis pão levedado. Êxodo 13:1-2*

Esta passagem, inicialmente simples, é carregada de significado, pois trata-se das instruções de Deus acerca da consagração dos primogênitos. Neste segmento, Deus institui uma prática a ser observada pelo povo de Israel, um ritual que atua como um lembrete constante de Sua ação na história deste povo.

Inicialmente, Deus ordena que cada primogênito seja consagrado a Ele. Isso implica que o primeiro nascido de cada família, seja humano ou animal, deve ser dedicado a Deus. Esta prática possui raízes na tradição judaica e carrega um significado de reconhecimento da soberania de Deus sobre a criação. Consagrando o primogênito, os israelitas demonstravam que O reconheciam como o Criador e Mantenedor de toda vida, humana ou animal.

Possui um significado histórico, pois serve como um lembrete tangível da libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. Quando os primogênitos dos egípcios foram mortos na última praga, os primogênitos de Israel foram poupados devido à marca de sangue nas portas. Isso ilustrou claramente o cuidado e a proteção de Deus sobre Seu povo escolhido. Assim, a consagração é uma forma de manter viva a memória desse evento fundamental em sua história.

Significados espirituais profundos, simbolizando a entrega das primeiras e mais valiosas coisas a Deus. Representa um gesto de fé e entrega, afirmando que Deus deve ser prioritário em todos os aspectos da vida.

Tal prática não se restringe somente aos primogênitos, mas estabelece um padrão para a devoção e o agradecimento que todos os fiéis devem demonstrar perante Deus.

Portanto, ela transcende uma mera prática ritualística, representa um lembrete da soberania, uma recordação ativa da libertação por Deus e um apelo à devoção e gratidão. Tais preceitos iniciais nos estimulam a ponderar sobre a importância de reconhecer a supremacia de Deus em nossas vidas e a recordar incessantemente Seu ato redentor em nossa história, o que se mantém pertinente em nossa caminhada espiritual contemporânea. Assim, inspiremo-nos no exemplo do povo de Israel e dediquemos a Deus não somente nossos primogênitos, mas também nossas vidas.

## O Resgate do Primogênito

*13 Porém, todo o primogênito da jumenta resgatarás com um cordeiro; e se o não resgatares, cortar-lhe-ás a cabeça; mas todo o primogênito do homem, entre teus filhos, resgatarás. 14 E quando teu filho te perguntar no futuro, dizendo: Que é isto? Dir-lhe-ás: O Senhor nos tirou com mão forte do Egito, da casa da servidão. 15 Porque sucedeu que, endurecendo-se Faraó, para não nos deixar ir, o Senhor matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até o primogênito dos animais; por isso eu sacrifiquei ao Senhor todos os primogênitos, sendo machos; porém a todo o primogênito de meus filhos eu resgato. 16 E será isso por sinal sobre tua mão, e por fronteais entre os teus olhos; porque o Senhor, com mão forte, nos tirou do Egito. Ex. 13:13-16*

Em relação aos primogênitos masculinos de Israel, era necessário resgatá-los conforme Êxodo 13:13. Isso significava que, embora o primogênito de um animal pudesse ser oferecido ao Senhor como um holocausto, os filhos primogênitos humanos nunca poderiam ser sacrificados dessa maneira; todos os primogênitos masculinos deveriam ser resgatados. O sacrifício humano de primogênitos era uma prática pagã abominável aos olhos de Deus, conforme descrito em 2 Reis 16:3.

O texto bíblico menciona que era dever dos pais explicarem aos filhos sobre a consagração dos primogênitos, no âmbito da libertação do Egito, em particular na noite em que a décima praga caiu e os primogênitos do Egito foram mortos, conforme descrito em Êxodo 13:14-16.

Neste contexto, os primogênitos israelitas foram preservados pelo Senhor devido ao sangue do cordeiro pascal. Isso significa que os primogênitos de Israel não eram naturalmente imunes ao julgamento de Deus; contudo, o julgamento divino não os atingiu porque os cordeiros sacrificados na primeira Páscoa atuaram como resgate para eles.

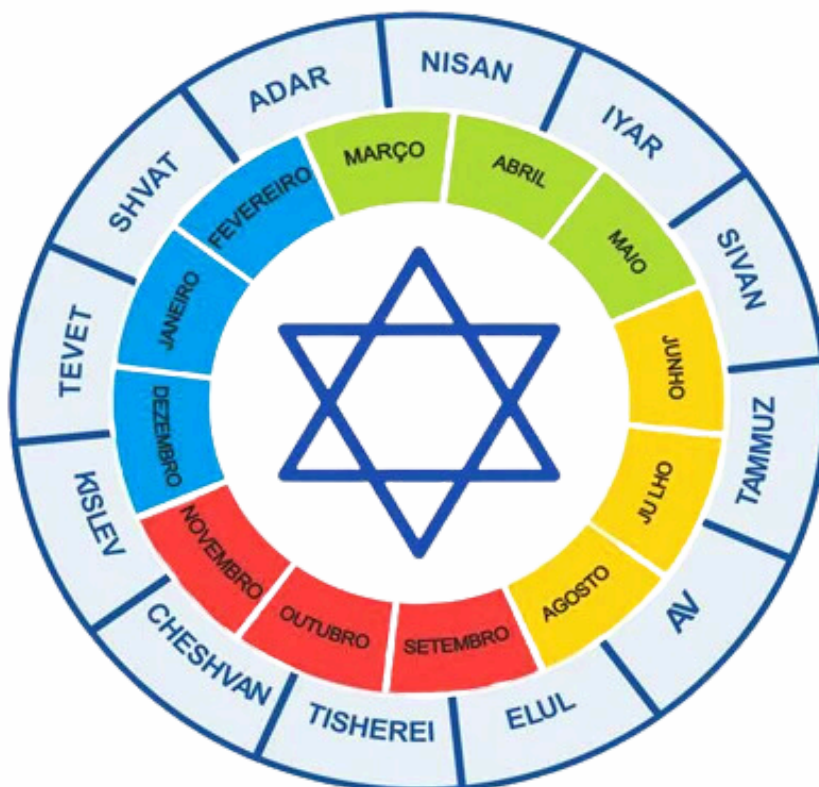
## Entendendo o significado das Festas Judaicas

Entendermos a diferença do calendário gregoriano e Judaico, é necessário para saber exatamente quando o mês começa, sendo de grande importância na prática judaica, porque a Torá marca as festas judaicas segundo os dias do mês.

**O calendário gregoriano** é um calendário de origem europeia, utilizado oficialmente pela maioria dos países. Foi promulgado pelo Papa Gregório XIII (1502–1585) a 24 de Fevereiro do ano 1582 pela bula Inter Gravissimas em substituição do calendário juliano implantado pelo líder romano Júlio César (100–44 a.C.) em 46 a.C.

Como convenção e por praticidade, o calendário gregoriano é adotado para demarcar o ano civil no mundo inteiro, facilitando o relacionamento entre as nações. Essa unificação decorre do fato de a Europa ter, historicamente, exportado seus padrões para o resto do globo.

**O calendário (לוח שנה) judaico** é baseado nos ciclos lunares. Rumo ao início do ciclo da lua, aparece como um fino crescente. Este é o sinal para um novo mês judaico. A lua cresce até ficar cheia, no meio do mês, e então começa a diminuir até que não pode ser vista. Permanece invisível por cerca de dois dias – e então o fino crescente reaparece, e o ciclo recomeça. O ciclo inteiro leva cerca de 29 dias e meio. Como um mês precisa consistir de dias completos, um mês às vezes tem vinte e nove dias de duração (como um mês é conhecido como “faltando”), e às vezes trinta (malei, “cheio”).





### Calendário judaico

### Calendário gregoriano

Nissan	março/abril
Lyar	abril/maio
Sivan	maio/junho
Tamuz	junho/julho
Av	julho/agosto
Elul	agosto/setembro
Tishrei	setembro/outubro
Chesvan	outubro/novembro
Kislev	novembro/dezembro
Tevet	dezembro/janeiro
Shevat	janeiro/fevereiro
Adar	fevereiro/março
Adar 2	março/abril (nos anos bissextos)

80

## Os Ciclos do Ano Judaico

O ano judaico se compõe de ciclos de dias santificados, solenes, festivos, semi-festivos ou até tristes.

Shabat é um dia santificado. O descanso de qualquer trabalho criativo atesta a Criação do mundo. O judeu que cumpre o Shabat, deixando de realizar trabalho criativo neste dia, testemunha que D'us criou o mundo em seis dias e "descansou" no sétimo.

Rosh Chôdesh, início do mês judaico (que pode ser um ou dois dias), é dia semi-festivo. Nas orações acrescentam-se trechos como Yaalê Veyavô, Halel, e Mussaf, enquanto são omitidas as súplicas dos dias comuns; também não se faz jejum em Rosh Chôdesh.

Rosh Hashaná e Yom Kipur são dias solenes por seu caráter de julgamento e perdão Divinos. Ao mesmo tempo, são dias santificados quando trabalho criativo não deve ser realizado. Yom Kipur é igual a Shabat, e Rosh Hashaná é similar aos outros dias de Yom Tov.

Pêssach, Shavuot e Sucot, as Três Festas de Peregrinação, são dias festivos (Yom Tov), lembrando respectivamente o Êxodo do Egito, a Outorga da Torá no Monte Sinai e os quarenta anos de perambulação pelo deserto. Shemini Atsêret e Simchat Torá também são dias de Yom Tov ligados à Sucot. São também dias santificados (com exceção de Chol Hamoêd) quando trabalho criativo (exceto preparação de alimentos) não deve ser realizado.

Chol Hamoêd, os dias intermediários de Pêssach e Sucot são dias semi-festivos quando certos trabalhos corriqueiros não são realizados em virtude destes dias serem parte da festa de Pêssach ou Sucot.

Há seis jejunos obrigatórios no decorrer do ano: Tsom Guedalyá (dia 3 de Tishrei); Yom Kipur, (10 de Tishrei); Dez de Tevê; Taanit Ester (13 de Adar); dezessete de Tamuz; e Tish'á Beav, (9 de Menachêm Av).

As sete semanas da contagem do ômer, entre Pêssach e Shavuot, são dias de meio-luto pela morte dos 24.000 discípulos de Rabi Akiva.

As três semanas entre os jejunos de 17 de Tamuz e Tish'á Be' av são dias de luto pela destruição dos Templos, sendo os últimos nove, dias de luto intensificado.

## Festas judaicas e significados

As festas judaicas são extremamente importantes para a comunidade judaica porque elas celebram as tradições e histórias que são fundamentais para a fé e a identidade judaica. Elas são uma oportunidade para os judeus se reunirem em família e com amigos, compartilhar refeições especiais e participar de cerimônias religiosas que os conectam com sua herança.

As festas judaicas também servem como uma forma de transmitir as tradições de geração em geração. As famílias judaicas se reúnem para celebrar as festas e passar para seus filhos e netos as histórias e rituais que foram passados para eles por seus antepassados. Dessa forma, as festas judaicas ajudam a manter vivas as tradições e a conexão com a cultura e a história judaica.

Além disso, as festas judaicas também são uma oportunidade para reflexão e renovação espiritual. Cada festa tem um significado profundo e uma mensagem importante que os judeus são encorajados a refletir e incorporar em suas próprias vidas.

80

### Datas das festas e feriados judaicos em 2024

- ◆ **Purim** (Festa da Salvação): do pôr do sol de 23 de março até o entardecer de 24 de março.
- ◆ **Pessach** (Páscoa Judaica): do pôr do sol de 22 de abril até o entardecer de 30 de abril.
- ◆ **Shavuot** (Festa dos 10 Mandamentos): do pôr do sol de 11 de junho até o entardecer de 13 de junho.
- ◆ **Rosh Hashanah** (Ano-novo Judaico): pôr do sol de 2 de outubro até o entardecer de 4 de outubro para celebrar o ano 5785.
- ◆ **Yom Kipur** (Dia do Perdão): do pôr do sol de 11 de outubro até o entardecer de 12 de outubro.
- ◆ **Sucot** (Festa dos Tabernáculos): do pôr do sol de 16 de outubro até o entardecer de 23 de outubro.
- ◆ **Shemini Atsêret & Simchat Torá** (O Oitavo Dia de Sucot e A Alegria da Torá): do pôr do sol de 23 de outubro até o entardecer de 25 de outubro.
- ◆ **Chanucá** (Festival das Luzes): do pôr do sol de 25 de dezembro até o entardecer de 2 de janeiro.

## Purim

A festa que celebra a salvação do extermínio dos judeus na Pérsia antiga, onde estavam em exílio, mediada pela rainha Esther, é comemorada no 14º dia do mês de Adar.

Segundo a história relacionada, o conselheiro do rei Assuero chamado Haman persuadiu a majestade para que eliminasse todos os judeus. Sua motivação era o conflito que teve com um dos membros do povo, Mordechai. O dia 13 de Adar foi a data escolhida para o genocídio no Império Persa.

Esther, esposa do rei, tinha ascendência judaica, mas até então mantinha a sua origem em segredo, por isso, intercedeu pelos judeus. Pelo risco que a rainha corria ao enfrentar o rei e tentar reverter a decisão, todo o povo se reuniu para um jejum de três dias e três noites.

Ao saber que a rainha era judia e da manipulação de Haman, o rei Assuero mandou executá-lo e concedeu aos judeus o direito de prestar culto ao seu deus.

A festividade de Purim, que significa sortes, trata-se de um momento alegre e de agradecimento a D'us pela misericórdia divina.

## Pessach - Pascoa

A Páscoa Judaica tem a duração de sete a oito dias, iniciando-se ao pôr do sol do 14º dia do mês de Nissan/Abib, o primeiro mês do calendário judaico, que corresponde aos meses de março e abril no calendário gregoriano. É também conhecida como o feriado da primavera.

Durante essa celebração, é lembrada a libertação dos hebreus do Egito após anos de escravidão. A palavra Pessach significa "passar por cima", fazendo alusão às pragas enviadas aos egípcios que não afetaram os judeus.

Sob a liderança de Moisés, os judeus deixaram o Egito em direção à terra prometida, evento conhecido como êxodo. A história é revivida durante um jantar tradicional de cunho religioso chamado Seder, que inclui elementos simbólicos como cordeiro, matzot (pães asmos) e marór (erva amarga). Durante esse período, é proibido consumir chametz (alimento fermentado).

De acordo com as escrituras sagradas, Deus ordena: *"A festa dos pães ázimos guardarás: sete dias comerás pães ázimos como te ordenei, ao tempo apontado no mês de abibe, porque nele saíste do Egito". Êx 23:15*

A instituição da *Festa dos Pães Ázimos*, representa um marco significativo na história do povo de Israel, que deu início à jornada.



A narrativa inicia com Deus orientando Moisés e os israelitas a recordarem o dia em que deixaram o Egito, a "casa da escravidão". Da mesma forma que os israelitas foram salvos da opressão no Egito, os cristãos são convidados a recordar a redenção e a liberdade encontradas em Deus.

O emprego do pão ázimo é simbólico, representando a pressa da saída do Egito, quando os israelitas não dispuseram de tempo para levedar o pão. Esse aspecto nos ensina que a redenção frequentemente exige prontidão e obediência a Deus.

Além de prepararem pães asmos, os israelitas também recebem instruções para remover todo o fermento de suas casas durante essa celebração. Na palavra, o fermento frequentemente simboliza o pecado e a impureza. Portanto, ao retirar o fermento, estão simbolicamente buscando a purificação espiritual e uma vida livre de pecado. Essa prática nos recorda que a redenção não se limita à libertação física, mas também abrange a libertação espiritual.

É um momento de ensino aos filhos sobre a história da libertação de Israel. Cabe aos pais explicar as gerações futuras o significado desta celebração, que representa a saída do Egito e o milagre da intervenção divina.

Isso ressalta a importância de transmitir a fé e a narrativa da salvação às gerações vindouras. Em outras palavras, é uma festividade que deve ser perpetuada através das gerações, para que o resgate feito por Deus nunca se perca.

*3 Então disse Moisés ao povo: "Comemorem esse dia em que vocês saíram do Egito, da terra da escravidão, porque o Senhor os tirou dali com mão poderosa. Não comam nada fermentado. 4 Neste dia do mês de abibe vocês estão saindo. 5 Quando o Senhor os fizer entrar na terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos heveus e dos jebuseus — terra que ele jurou aos seus antepassados que daria a vocês, terra onde manam leite e mel — vocês deverão celebrar esta cerimônia neste mesmo mês. 6 Durante sete dias comam pão sem fermento e, no sétimo dia façam uma festa ao Senhor. 7 Comam pão sem fermento durante os sete dias; não haja nada fermentado entre vocês, nem fermento algum dentro do seu território. 8 "Nesse dia cada um dirá a seu filho: Assim faço pelo que o Senhor fez por mim quando saí do Egito. 9 Isto lhe será como sinal em sua mão e memorial em sua testa, para que a lei do Senhor esteja em seus lábios, porque o Senhor o tirou do Egito com mão poderosa. Ex 13:3- 1*

## Shavuot - Festa das Semanas

A entrega dos Dez Mandamentos por D'us a Moisés e aos israelitas no monte Sinai, sete semanas após sair do Egito, é celebrada na festa de Shavuot, palavra hebraica que significa semanas.

Após cerca de sete semanas, ou seja, 49 dias depois da Páscoa Judaica (Pessach), os judeus passam por um período de purificação para recebimento das leis sagradas. As leis sagradas foram transmitidas e ensinadas aos judeus durante os 40 anos do deserto do Sinai.

As leis são escrituras importantes do judaísmo. A festividade, também chamada de *Festa das Semanas*, ocorre entre o sexto e o sétimo de Sivan, e é uma das comemorações que relembram a história do Êxodo dos judeus. Alguns dos eventos da história do povo hebreu, recordados durante a comemoração, são:

- a proteção mediante as 10 pragas enviadas sobre os egípcios;
- a abertura do Mar Vermelho para os judeus passarem;
- a peregrinação no deserto, que culminou em uma revelação divina e guia para transformação espiritual.

São tradições da data a leitura dos 10 Mandamentos e do livro de Rute, além de consumo de produtos lácteos, pois durante a saída do Egito o Deus dos judeus prometeu guiá-los para uma terra que mana lei e mel.

## Rosh Hashanah

O ano-novo judaico é marcado pela celebração do 1º dia do mês de Tishrei, o sétimo mês do calendário, e ocorre geralmente entre setembro e outubro. Traduzido do hebraico como cabeça do ano, o *Rosh Hashanah* comemora um novo ciclo e também recorda a criação de Adão e Eva. Por isso, o sentido da comemoração reflete a criação do mundo e da humanidade, além da ligação do criador com a criatura.

A comemoração da primeira festividade judaica tem duração de dois dias para renovação espiritual, pois também se celebra o dia do julgamento e dia da lembrança. O cumprimento tradicional durante a festividade é o Shana Tova, que significa bom ano.

A festividade se baseia na passagem escrita: *“No sétimo mês, no primeiro dia do mês, será um descanso solene para vocês, uma comemoração proclamada com o toque do shofar (trompete feito de chifres de carneiro), uma convocação santa”. Lv 23:23-25*

Tradicionalmente, o shofar, instrumento de sopro confeccionado com chifre de carneiro, é tocado para atrair bênçãos e proteção.

## Yom Kipur - Dia do perdão

O dia do perdão, também chamado de dia da expiação ou dia do arrependimento, é celebrado no 10º dia após o Rosh Hashanah. Esse intervalo de tempo entre as duas festividades recebe o nome de lamim Noraim (dias temíveis ou 10 dias de arrependimento) e os judeus utilizam como tempo de reflexão dos seus atos.

O Yom Kipur é o dia mais sagrado. A partir da véspera, e durante cerca de um dia, é realizado jejum de comida, bebida e prazeres físicos. A data é marcada pela ida à sinagoga e oração de perdão pelos pecados.

A celebração faz referência ao capítulo 16 do livro de Levítico, que retrata o bezerro de ouro confeccionado pelos israelitas no deserto do Sinai, e a oração de Moisés, que pedia perdão a D'us pelo pecado cometido pelo povo.

*“E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez do mês, afligireis as vossas almas, e nenhum trabalho fareis, nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós. Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.” (Levítico 16:29-30)*

## Sucot - Festa dos Tabernáculos

A festa dos tabernáculos, ou festa das tendas, inicia-se no 15º dia do mês de Tishrei. A comemoração relembra a peregrinação que o povo judeu realizava em direção ao Templo de Jerusalém para relembrar a trajetória de 40 anos no deserto, realizada pelos ancestrais no êxodo do Egito.

Essa é uma das três festividades que relembram o Êxodo. As outras duas são Pessach e Shavuot, que juntas formam “Shloshet ha Regalim”. O período festivo também coincide com a época das colheitas em Israel, por isso esse é outro sentido atribuído à celebração.

A leitura da Torá, iniciada nas outras festividades, tem sua leitura anual concluída em Sucot. Segundo as escrituras, Moisés recebeu as instruções para celebrar esse dia.

*“E falou o Senhor a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo, será a Festa dos Tabernáculos ao Senhor, por sete dias.” Lv 23:33-34.*

## Shemini Atsêret & Simchat Torá

O Shemini Atsêret & Simchat Torá é comemorado logo a seguir ao Sucot, tendo início ao pôr do sol do último dia de Sucot.

No primeiro dia, o Shemini Atsêret, conhecido como O Oitavado Dia de Sucot, o Yizkor é recitado. O Yizkor é uma prece aos falecidos, recitada apenas em quatro momentos do ano. No segundo dia, o Simchat Torá, conhecido como A Alegria da Torá, termina e inicia um novo ciclo anual de leitura da Torá. Nessa celebração, é feita uma dança tradicional. Durante o Shemini Atsêret & Simchat Torá são acendidas velas à noite, antes do jantar festivo, e não é permitido trabalhar.

## Chanucá - Festival das luzes

O festival das luzes, também chamado de Chanukah ou Hanukkah, ocorre no 25º dia do mês de Kislev.

O Chanucá celebra a reconquista e reinauguração do Templo Sagrado de Jerusalém no período que os israelitas resistiam contra a dominação helênica e imposição cultural do rei assírio Antíoco 4º.

A principal tradição durante a festividade é acender os ramos do chanukiyá ou chanuquiá. A cada dia da festividade, que dura oito dias, um ramo do candelabro é aceso ao entardecer.

As luzes na festividade são acesas da direita para esquerda. Um chanukiyá apresenta oito ramos de mesma altura e uma vela central e mais alta chamada de shamash, utilizada para acender as demais.



## A saída do Egito

Dentre os vários incidentes que envolveram o povo de Israel, a travessia do Mar Vermelho se destaca como um episódio tenso, surpreendente e desafiador para as condições humanas. Assim, em um momento decisivo, enquanto o povo seguia pelo caminho dos Filisteus rumo à terra de Canaã, Deus os orientou a voltar e acampar frente ao Mar Vermelho, no deserto.

*E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito. Êx 13:17*

Existiam dois trajetos do Egito para Canaã: um breve, de apenas alguns dias de viagem, e outro muito mais extenso, atravessando o deserto. Deus optou pelo caminho desértico para guiar Israel. Os egípcios pereceriam no Mar Vermelho, enquanto os israelitas seriam testados no deserto. O percurso de Deus é sempre o melhor, embora às vezes não pareça. Mesmo que não seja o mais curto, podemos confiar que Ele nos conduz pelo caminho ideal.

80

Os filisteus, inimigos poderosos, exigiam que os israelitas estivessem prontos para os conflitos em Canaã, o que demandava superar as adversidades do exílio. Deus submeteu seu povo a provações para fortalecê-lo. Os israelitas partiram organizadamente, alguns em filas de cinco, outros em grupos de cinco bandas, carregando os ossos de José, reforçando sua fé e esperança de que Deus os levaria à terra prometida, uma esperança tão forte que os motivava a transportar esses ossos pelo deserto.

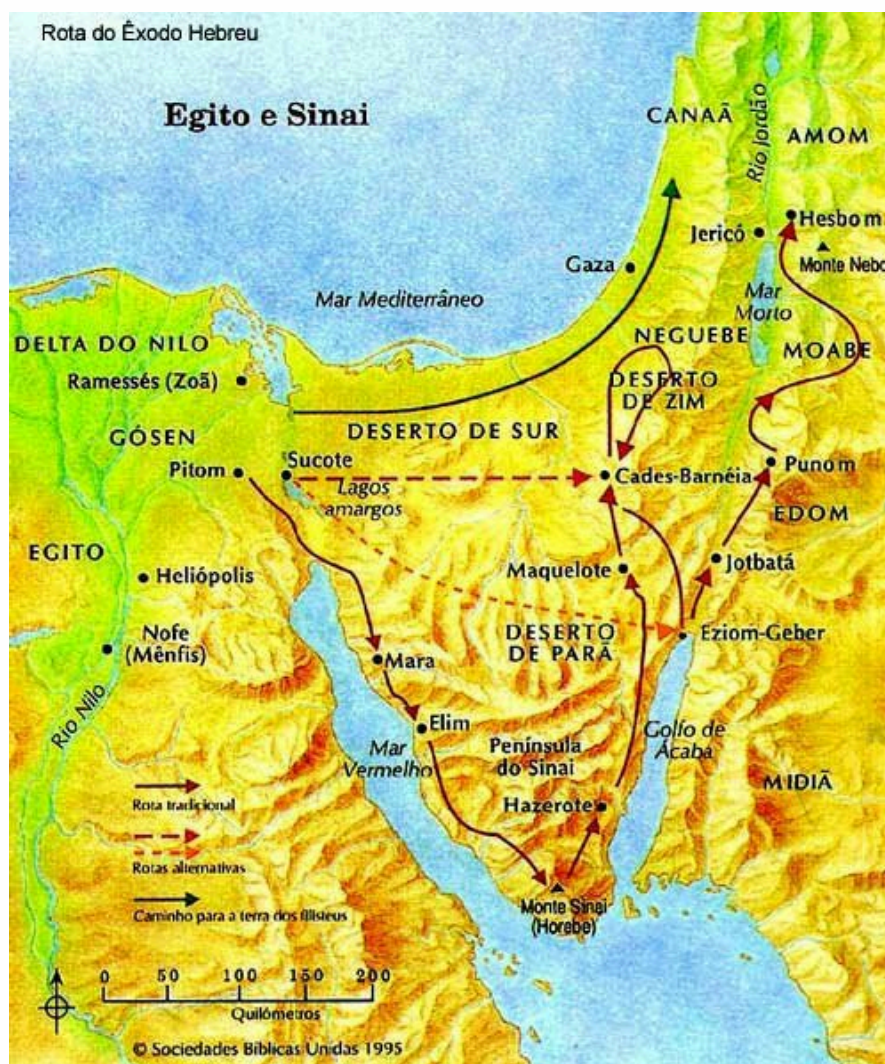
O Senhor seguia à frente deles em uma coluna, representando a majestade divina, e Cristo estava com a Igreja no deserto. Aqueles que Deus conduz ao deserto não serão abandonados por Ele, nem se perderão, mas Ele cuidará de guiá-los pelo caminho. Para Moisés e os israelitas, foi uma grande satisfação ter a certeza da direção divina. Aqueles que buscam glorificar a Deus, conforme Sua Palavra determina, e confiam no Espírito Santo para guiar seus sentimentos e na providência divina para seus assuntos, podem estar seguros de que o Senhor estará à frente, mesmo que não possam vê-lo com os olhos, mas devemos viver pela fé.



Após deixarem o Egito, os israelitas evitaram a rota mais direta para Canaã, que passava ao norte do Sinai, ao longo da costa do Mediterrâneo, cruzando o território dos filisteus, conhecida como "O Caminho da Terra dos Filisteus".

Este trajeto, que vai da fronteira do Egito até Gaza, tem aproximadamente 150 milhas ou 240 quilômetros, conforme *Sarna descreve (Exploring Exodus, 1996, p. 103-106)*. Percorrer esta distância levaria apenas algumas semanas, ou talvez um mês, mesmo para um grande grupo de pessoas com seus rebanhos.

Portanto, menos de um mês teria sido suficiente para completar essa jornada; no entanto, foi escolhido um caminho diferente, que levou 40 anos para ser concluído. A rota tomada é referida como "O Caminho do Deserto do Mar Vermelho". Os Filhos de Israel se moveram para o sul, adentrando o deserto, em regiões além do domínio egípcio.



80

Alguns dos possíveis motivos para a escolha de uma rota alternativa são:

2.1. *Proximidade*: “O Caminho da Terra dos Filisteus” era muito próximo do Egito; sendo assim, seria a rota mais fácil para retornar ao Egito. *E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito. Ex 13:17*, fica claro que um dos motivos para a escolha de uma rota alternativa e complexa seria evitar que os filhos de Israel se arrependessem de ter saído do Egito e resolvessem retornar.

2.2. *Evitar a guerra contra os filisteus*: se os Filhos de Israel tentassem passar pela terra dos filisteus, correriam o risco de provocar uma guerra; já que a fé de muitos ainda era fraca, a perspectiva de guerra poderia ter feito com que estes retornassem ao Egito.

2.3. *Evitar fortificações egípcias*: segundo Sarna (1983, p. 103-6), a vulnerabilidade de sua fronteira nordeste exigiu dos egípcios a fortificação dos caminhos contra incursões hostis. Desde os tempos de Amenemhet I (1991-1962 a.C.), uma linha de fortes foi construída ao longo do istmo de Suez. Esta linha de defesa é conhecida como “o muro de Horus”, provavelmente conhecida na Bíblia como Shur (Ex 15:22), que significa literalmente “muro”, e impedia a passagem de tribos nômades. A rota mais direta para Canaã, passando pelo território dos filisteus, era bloqueada por fortificações. No começo dessa rota, encontrava-se a imponente Fortaleza de Tjaru, descoberta nos anos 1980, situada numa estreita faixa de terra ladeada por água. Ela funcionava como uma barreira significativa contra invasores vindos do leste e também contra indivíduos ou grupos não autorizados a sair do Egito.

2.4. *Plano Divino*: Presume-se que o período determinado pelo plano divino para a ocupação da terra pelos cananeus (e outros povos que lá viviam) ainda não havia se completado. Ou seja, quando os filhos de Israel partiram do Egito, ainda não havia chegado o momento de conquistar a terra de Canaã.

Outras nações, especialmente as que estavam prestes a ser conquistadas, ao ouvir sobre os milagres que aconteceram no deserto ao longo de 40 anos, supostamente sentiriam terror, o que facilitaria a conquista.

2.5. *Testar*: os Filhos de Israel passaram por testes e provações durante a sua estadia no deserto.

2.6. *A busca da espiritualidade*: segundo Isaacs (1946), a recém nascida nação teve a oportunidade de se livrar do que restou da influência egípcia durante a estada no deserto, para ser educada de uma nova maneira, através dos ensinamentos da Torá

2.7. *A preparação de um exército para a conquista de Canaã*: em Nm 13:28, os espiões trazem um relato sobre Canaã, do qual consta a seguinte afirmação:

*"Porém forte é o povo que habita na terra, e as cidades são muito fortificadas e grandes [...]".*

A informação de que houveram cidades fortificadas e grandes em Canaã pode ser confirmada por alguns estudos:

- Prentice (1913, p. 238-244) afirma que Canaã era habitada por uma civilização militarizada e bem desenvolvida para a época. Os reis de Canaã viviam em grandes cidades, com fortes muralhas, portões e torres. As cidades eram defendidas por soldados em armaduras e por bigas de guerra. As cartas de Tell ElAmarna<sup>41</sup> e escavações como as de Gezer<sup>42</sup> nos revelam as dimensões da tarefa de conquista de Israel.
- Mazar (2003, p. 187, 209, 215, 240) confirma a afirmação de Prentice de que haviam poderosas cidades-estado cananéias no período do Bronze Médio. Neste período, grandes cidades fortificadas, fortes e assentamentos rurais sedentários foram fundados. Algumas cidades eram defendidas por sólidas muralhas de tijolos, com entre três e quatro metros de largura, e com fundações de pedra. Um novo tipo de portão da cidade foi introduzido neste período. Era uma grande casa de guarda, retangular e simétrica, composta de duas torres maciças flanqueando uma passagem alongada. Os palácios eram enormes complexos arquitetônicos, alguns com mais de mil metros quadrados de área, incluindo grandes pátios cercados por salões, e diversos quartos. No período de transição entre o Bronze Médio e o Bronze Recente, em meados do século dezesseis a.C., é significativo o número de cidades que foram destruídas. Na Idade do Bronze Recente, Mazar afirma que a população e a densidade de assentamento declinaram em comparação com o período precedente, fenômeno sintomático de um declínio demográfico que foi talvez seguido por um incremento na população de pastores nômades. O número de fortificações também declina, mas em alguns sítios as poderosas defesas do Bronze Médio poderiam ter continuado em uso.
- O termo "cidade-estado" consiste em um local independente que possui seu próprio governo. São entidades urbanas independentes que possuem autonomia política, econômica e cultural. Cada cidade-estado é uma cidade dentro de outra cidade, sobrevivendo de forma independente, com suas próprias leis. Elas existem desde a Antiguidade, como na Grécia Antiga, onde as mais famosas eram Atenas, Esparta e Tróia. Essas cidades-estado tinham seus próprios governantes, leis e sistemas sociais, constituindo pequenos Estados autônomos dentro de uma região maior. Hoje em dia, o termo "cidade-estado" também pode se referir a cidades independentes com governo próprio, como \*Singapura,



- Johnson (1987, p. 42-44) também confirma a grandiosidade das cidades cananitas da época, afirmando que Jericó era uma das mais antigas cidades do mundo, e possuía enormes muralhas na Idade do Bronze; a cidade de Gibeon era o centro de uma região de produção de vinhos, com enormes porões subterrâneos para estocagem; Hazor era uma grande e esplêndida cidade, que abrigava possivelmente 50.000 habitantes, com fortes portões e sólidas muralhas.
- Para esta tarefa de conquista da terra de Canaã, escravos teriam de se transformar em guerreiros, e para esta transformação, uma longa permanência no deserto se tornou essencial (PRENTICE, 1913, p. 238-244).

2.8. *A formação de uma nação*: Israel recorda-se do Êxodo como o evento constitutivo que o transformou em uma nação. (BRIGHT, 2000, p. 122). Segundo a Bíblia Hebraica, os filhos de Israel atingiram o status de “nação” ainda no Egito:

*“E falarás em voz alta e dirás diante do Eterno, teu Deus: ‘Labão [Laván], o arameu, quis fazer perecer o meu pai, e este desceu ao Egito e peregrinou ali com pouca gente, e ali veio a ser nação grande, forte e numerosa’.” Dt 26:5*

Porém, esta transformação ocorre no deserto, após a aceitação do pacto Divino:

*“4 Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; 5 Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. 6 E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.” Ex 19:4-6*

## Coluna de Fogo e Coluna de Nuvem no Deserto

Em determinado ponto da narrativa, somos levados a uma passagem que descreve uma das manifestações mais notáveis da presença de Deus durante a jornada do povo de Israel em direção à liberdade: a Coluna de Nuvem e de Fogo. Essa descrição é um testemunho poderoso da orientação divina e do cuidado de Deus para com Seu povo, oferecendo-lhes direção e proteção enquanto atravessavam o deserto.



Começa com uma observação crucial: “Quando Faraó deixou o povo ir”. Essa declaração destaca que a libertação dos israelitas não foi uma decisão de Faraó, mas sim um ato poderoso de Deus, que enviou pragas devastadoras ao Egito para convencer o faraó a libertar o povo. Isso ressalta o domínio divino sobre a história humana e a superação da opressão.

A Coluna de Nuvem e de Fogo era a forma como Deus conduzia o povo, tanto de dia quanto de noite. Durante o dia, a nuvem oferecia sombra e proteção do calor intenso do deserto, enquanto à noite, a coluna de fogo iluminava o caminho na escuridão, fornecendo segurança e orientação. Essa representação mostra a presença constante de Deus, indicando que Ele acompanhava Seu povo em todos os momentos, guiando-os em direção à Terra Prometida.

Além de ter um papel crucial na orientação das rotas para o povo de Israel. Quando a nuvem se elevava, era hora de avançar; quando baixava, indicava o momento de acampar. Essa orientação ajudou os israelitas a evitar perigos, obstáculos e inimigos durante todo o percurso.

Tinha um propósito mais amplo além de sua presença: demonstrar a glória de Deus perante o povo de Israel e outras nações. A visão de uma nuvem luminosa brilhando durante o dia e de uma coluna de fogo à noite certamente provocaria admiração e reverência. Isso reforçava a mensagem de que Deus estava no controle e guiava Seu povo de forma sobrenatural.

Isso ressalta a fidelidade inabalável de Deus em guiar e proteger Seu povo ao longo de sua jornada. Em resumo, a descrição da Coluna de Nuvem e de Fogo em Êx 13:17-22 é um testemunho do cuidado e da orientação de Deus para com Seu povo. Ela simboliza a presença constante e poderosa Dele, trazendo proteção, direção e luz diante das incertezas e desafios de uma região desconhecida e cheia de desafios

Tal manifestação é também um lembrete de que, da mesma forma que Deus conduziu o povo de Israel, Ele continua disposto a guiar e proteger Seus filhos em suas jornadas. Assim, devemos confiar em Sua direção e seguir Sua liderança com confiança e gratidão, cientes de que Ele é nosso guia seguro e leal.

Alguns críticos defendem que as expressões "coluna de fogo" e "coluna de nuvem" devem ser entendidas de maneira simbólica. Segundo eles, essas frases representam uma metáfora para o antigo hábito de levar tochas à frente de um exército, cujas chamas também serviam para mostrar o caminho a seguir.

De fato, esse costume foi bem documentado e existiu. Por exemplo, o exército de Alexandre, o Grande, praticava isso. No entanto, interpretar os textos bíblicos que mencionam a coluna de fogo e de nuvem por essa perspectiva simplista é ignorar as informações claramente expostas.

Os textos bíblicos enfatizam constantemente que a coluna de fogo e a coluna de nuvem não possuíam origem natural. Eram manifestações reais da presença protetora e direta de Deus. Esse fenômeno também serviu como testemunho para as nações pagãs.

Além disso, a coluna de fogo e a coluna de nuvem acompanharam o povo de Israel até sua chegada em Canaã - EX 40:38. A Bíblia diz que *"nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite"* - Ex 13:22.

Mais tarde, quando os escritores bíblicos lembraram, eles as interpretaram literalmente como manifestações de teofania -. Nee 9:12,19; Sl105:39. Além disso, o apóstolo Paulo, no Novo Testamento, referiu-se à nuvem que cobria os israelitas no deserto como prova da presença do Senhor que guardava o povo de Israel.

É crucial entender que atualmente, os cristãos não contam mais com a coluna de fogo ou a coluna de nuvem para orientar seus caminhos. Esses eventos foram temporários e cumpriram seu propósito até que o Verbo se tornasse carne e habitasse entre nós. Após Sua humilhação, Cristo ascendeu glorificado ao Céu e enviou o Espírito Santo para estar conosco. É o Espírito Santo quem nos conduz, guia e protege de uma maneira mais íntima e completa.

Certamente teria sido admirável testemunhar, tais eventos no deserto. Porém, esses sinais eram apenas externos. Hoje, o Espírito Santo é Deus habitando em nós. Ele transforma nossas vidas em Seu templo; nos guia para toda a verdade, intercede por nós quando nos faltam palavras e nos mantém santificados até o fim. Sem dúvida, esta é uma realidade muito superior, e fomos agraciados em participar dela.

## Deus endureceu o coração de Faraó

Deus deu uma ordem para que Israel acampasse entre Migdol e o mar, em frente a Pi-Hairote Êx 14:1,2. Embora a localização de Migdol seja incerta, é provável que fosse um local fortificado devido ao significado comum de seu nome. A posição exata de Pi-Hairote é debatida, mas muitos estudiosos sugerem que este lugar ficava próximo a Ramessés.

O interessante é que, sob uma perspectiva humana, essa ordem certamente parecia não ter sentido. Isso se deve ao fato de que ela implicava que os israelitas deveriam voltar atrás em sua jornada. E, sem dúvida, isso também daria a impressão aos inimigos de Israel de que o povo estava perdido e preso entre o deserto e o mar, conforme Êx 14:3.

No entanto, esse era justamente o propósito divino. Em outras palavras, a ordem do Senhor implicava num contive para que os egípcios perseguissem os israelitas. Na verdade, havia chegado o momento de Deus derramar a porção final de seu julgamento contra Faraó e o Egito. Tudo isso tinha a finalidade de fazer com que o nome de Deus fosse glorificado e todos no Egito soubessem que Ele é o Senhor Êx 14:4.

Então, conforme a ação soberana de Deus, o coração de Faraó foi endurecido, e o governante do Egito resolveu perseguir os seus antigos escravos Êx 14:5. Faraó reuniu o seu poderoso exército para perseguir os israelitas com seus carros de guerra. Os carros de batalha egípcios comportavam até três pessoas Êx 14:6-8.

O texto bíblico diz que o exército de Faraó perseguiu os israelitas, e com seus velozes carros de combates e cavalos, eles alcançaram Israel que estava acampado junto ao mar, defronte de Baal-Zefom Êx 14:9. Esse nome, Baal-Zefom, significa “Baal do Norte”.

*1 Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: 2 Fala aos filhos de Israel que voltem, e que se acampem diante de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom; em frente dele assentareis o campo junto ao mar. 3 Então Faraó dirá dos filhos de Israel: Estão embaraçados na terra, o deserto os encerrou. 4 E eu endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, e saberão os egípcios que eu sou o Senhor. E eles fizeram assim. 5 Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o povo fugia, mudou-se o coração de Faraó e dos seus servos contra o povo, e disseram: Por que fizemos isso, havendo deixado ir a Israel, para que não nos sirva? 6 E aprontou o seu carro, e tomou consigo o seu povo; 7 E tomou seiscentos carros escolhidos, e todos os carros do Egito, e os capitães sobre eles todos. 8 Porque o Senhor endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, para que perseguisse aos filhos de Israel; porém os filhos de Israel saíram com alta mão. 9 E os egípcios perseguiram-nos, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavaleiros e o seu exército, e alcançaram-nos acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, diante de Baal-Zefom. Êx 14:1-9*



## Uma encruzilhada na história do povo Hebreu

O povo de Israel se encontra em uma encruzilhada, diante de uma situação aparentemente insuperável. Contudo, é justamente neste momento que a mão providencial de Deus se revela de forma extraordinária.

A descrição inicial nos leva ao cenário onde o povo acampou junto às margens do Mar Vermelho. O texto nos diz que Deus instruiu Moisés a fazer essa parada deliberada, aparentemente levando-os a uma situação de beco sem saída. E por que Deus faria isso? A resposta reside na natureza soberana do plano divino, que muitas vezes nos leva a lugares desconfortáveis para manifestar Sua glória.

Aqui, nas margens do Mar Vermelho, Israel enfrenta uma escolha desafiadora. À sua frente, o vasto oceano se estende, parecendo intransponível, enquanto o exército egípcio se aproxima rapidamente por trás, implacável em sua perseguição. O povo de Israel se vê numa situação difícil, entre a espada e a parede, e o medo começa a tomar conta de seus corações.

Compreender a importância do contexto é fundamental. Antes de chegar a este momento decisivo, os israelitas presenciaram uma sequência de milagres impressionantes feitos por Deus por meio de Moisés, incluindo as pragas do Egito, a libertação da escravidão, e a nuvem e coluna de fogo que os guiavam. Contudo, apesar dessas manifestações de poder, a fé do povo oscilou diante da primeira adversidade significativa.

Aprendemos uma lição valiosa sobre fé e confiança em Deus. Para nós, que observamos de fora, é simples questionar por que os israelitas duvidaram depois de presenciarem tantas experiências extraordinárias. Contudo, isso serve para nos recordar que a fé pode vacilar, e mesmo os mais fiéis podem se sentir perturbados durante períodos de adversidade.

Moisés, por sua vez, surge como um líder inspirador nesse cenário. Ele compartilha a mensagem divina de confiança e coragem com o povo, encorajando-os a não terem medo, pois Deus está no comando. Essa orientação não é apenas uma frase vazia; trata-se de um lembrete impactante de que, ao enfrentarmos desafios em nossas vidas, a confiança em Deus é nosso alicerce.

Contudo, o que realmente destaca esta passagem é o fato de que ela estabelece o fundamento para os eventos extraordinários que ocorrerão nos versículos seguintes. Deus não só forneceu uma solução para o impasse de Israel, mas também aproveitou essa circunstância aparentemente desesperadora para demonstrar Seu poder de maneira inigualável.

A surpreendente abertura do Mar Vermelho, que estava prestes a ocorrer, não só possibilitaria a fuga, mas também viria a ser um símbolo eterno da libertação pela mão divina. Assim, ao refletirmos sobre o dilema apresentado, recordamos que, em nossa jornada pela vida, podemos enfrentar momentos desafiadores que testam nossa fé.

Contudo, assim como Moisés instruiu o povo de Israel, devemos depositar nossa confiança na soberania divina, mesmo diante do que parece ser impossível. Afinal, é nas situações mais desafiadoras que a graça e o poder de Deus se manifestam com maior intensidade, convertendo aquilo que parecia ser um beco sem saída em uma via para Sua glória e redenção.

## Do desespero ao clamor a Deus

O povo entra em desespero e busca a ajuda de Deus, mostrando uma grande mudança emocional entre os israelitas. Esse momento de desespero e súplica destaca aspectos da fé humana, principalmente diante de situações que parecem impossíveis de superar. Com a parada estratégica nas margens do Mar Vermelho, o avanço veloz do exército egípcio impõe um terror iminente sobre os israelitas.

*4 E eu endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, e saberão os egípcios que eu sou o Senhor. E eles fizeram assim. 5 Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o povo fugia, mudou-se o coração de Faraó e dos seus servos contra o povo, e disseram: Por que fizemos isso, havendo deixado ir a Israel, para que não nos sirva? 6 E aprontou o seu carro, e tomou consigo o seu povo; 7 E tomou seiscentos carros escolhidos, e todos os carros do Egito, e os capitães sobre eles todos. 8 Porque o Senhor endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, para que perseguisse aos filhos de Israel; porém os filhos de Israel saíram com alta mão. 9 E os egípcios perseguiram-nos, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavaleiros e o seu exército, e alcançaram-nos acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, diante de Baal-Zefom. Êx 14:5-9*

Diante da ameaça iminente, a narrativa relata que *"10 E aproximando Faraó, os filhos de Israel levantaram seus olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então os filhos de Israel clamaram ao Senhor."* Ex 14:10. A visão do exército inimigo avançando, com o estrondo de suas carruagens e cavalos, semeia um medo profundo nos corações dos israelitas. É neste momento que observamos a primeira reação do povo: o pânico. Sentindo-se acuados e sem alternativas, o desespero toma conta deles.



É como se a vastidão do Mar Vermelho diante deles fosse insuperável e o exército egípcio, implacável. O texto menciona que eles "clamaram ao Senhor", um grito que reflete a angústia e a sensação de impotência que muitos de nós já experimentaram em momentos de desespero. Embora essa reação inicial seja compreensível em uma situação tão delicada, ela nos ensina uma valiosa lição sobre a natureza da fé.

Apesar de presenciarem vários milagres e seguirem a liderança de Moisés, a fé do povo de Israel parece oscilar em tempos de crise. Da mesma forma, em nossas vidas, muitas vezes somos levados a duvidar de Deus diante de desafios aparentemente impossíveis. Contudo, a história não termina aí.

A reação desesperada dos israelitas leva a uma ação significativa: o clamor a Deus. Esse clamor é um reconhecimento de que, mesmo no desespero, Deus permanece como a única verdadeira fonte de esperança e ajuda. Serve como um lembrete de que, mesmo diante de situações desafiadoras, é possível buscar socorro no Senhor.

O clamor do povo reflete sua dependência de Deus, uma atitude que podemos adotar em tempos de crise. Ao invés de sucumbir ao desespero, podemos imitar os israelitas, erguendo nossos olhos aos céus e reconhecendo Deus como nossa fonte de refúgio e força. O trecho de Êxodo 14:5-9 nos mostra que a fé não nos torna imunes ao medo e ao desespero.

É uma jornada marcada por altos e baixos, incertezas e convicções. Contudo, a essência da fé reside na habilidade de reconhecer nossa dependência de Deus e invocar Sua presença nos momentos de aflição. É uma fé que nos inspira a ver além das circunstâncias que parecem impossíveis e a confiar que Deus pode nos orientar por elas, como observaremos nas próximas fases desta narrativa fascinante. Assim, que possamos aprender com o povo de Israel e achar a coragem para invocar Deus em meio às nossas próprias bifurcações e desafios, crendo que Ele é nosso abrigo e redenção.

## A Intervenção de Deus

No cerne desta história, destacamos o momento em que Deus intercede por meio de Seu servo, Moisés, evidenciando Seu poder supremo e Sua fidelidade inabalável. Este episódio nos recorda que, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras, Deus está sempre no comando.

Após o povo de Israel clamar desesperadamente às margens do Mar Vermelho, a situação tornou-se sombria. Com o exército egípcio se aproximando rapidamente, o perigo de captura ou morte era iminente. Contudo, é nesse momento de angústia que Moisés se destaca como um líder inspirador, demonstrando sua profunda ligação com Deus.

Moisés tranquiliza o povo, afirmando: *"Não temam; fiquem firmes e observem a salvação que o Senhor lhes concederá hoje; pois os egípcios que hoje vocês veem, nunca mais verão. O Senhor lutará por vocês; vocês apenas se manterão em silêncio"* Êx 14:13-14. Estas palavras ressoam com autoridade e fé, comunicando uma mensagem forte de confiança em Deus.

O destaque inicial aqui é a mensagem de tranquilidade e confiança em Deus. Moisés incentiva o povo a não ter medo e a permanecer calmo, uma resposta notável diante da crise iminente. Em vez de entrar em pânico ou agir impulsivamente, ele lembra que o Senhor está no comando e que Ele os defenderá.

Neste contexto, Moisés assume um papel crucial como mediador entre Deus e o povo. Sua relação próxima com o Senhor lhe permitiu receber orientações divinas e as repassar com segurança ao povo. Moisés não se limitava a liderar Israel; ele servia como um elo de ligação entre o Deus supremo e Seu povo eleito.

Um aspecto notável é a ênfase na ação divina. Moisés declara que o Senhor combaterá por eles, ressaltando que a luta mencionada não é uma batalha comum, mas sim uma intervenção milagrosa de Deus. Tal afirmação destaca a soberania divina sobre as situações humanas. Além disso, essa intervenção ressalta a lealdade de Deus à sua promessa de libertação. Ele tinha feito uma promessa a Moisés de libertar o povo de Israel do Egito, e agora, perante um cenário que parecia impossível, Deus estava a ponto de cumprir essa promessa de forma espetacular.

Ensina lições valiosas sobre liderança, confiança e a essência da fé. Moisés demonstra como um líder pode inspirar confiança e serenidade em tempos de incerteza, por meio de sua fé inquebrantável em Deus. Ressalta também a importância de entender que, mesmo diante de situações que parecem impossíveis, Deus pode intervir de formas que superam nosso entendimento.

Deus executou um dos milagres mais emblemáticos da Bíblia: a divisão do Mar Vermelho. Esse evento não só demonstra o poder divino, mas também simboliza uma libertação notável e um triunfo sobre as dificuldades. Assim, devemos nos inspirar na fé inquebrantável de Moisés e confiar que, até nos momentos mais difíceis, Deus pode interceder e nos guiar para a liberdade e a realização de suas promessas.



## O Caminho através do Mar

*14 O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis. 15 Então disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. 16 E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco. 17 E eis que endurecerei o coração dos egípcios, e estes entrarão atrás deles; e eu serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros, 18 E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavaleiros. 19 E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles. 20 E ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; e a nuvem era trevas para aqueles, e para estes clareava a noite; de maneira que em toda a noite não se aproximou um do outro. 21 Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. 22 E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas foram-lhes como muro à sua direita e à sua esquerda. Êx 14:15-22*

O ponto culminante da história é a abertura milagrosa do Mar Vermelho, um evento que cativa nossa imaginação e evidencia a grandiosidade do poder divino e a lealdade constante de Deus para com seu povo. A tensão é tangível: as forças egípcias avançam, enquanto o povo de Israel está preso à margem do <sup>80</sup> Mar Vermelho.

O desespero ameaçava tomar conta mais uma vez, porém Deus reservava outros planos. Ele se volta para Moisés com um comando extraordinário: *“Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que prossigam”*. Essa ordem é crucial e esclarecedora.

Inicialmente, é perceptível que Deus não responde de forma direta ao apelo de Moisés, mas o orienta a tomar uma atitude de fé e comandar o povo a prosseguir. Isso nos mostra que, frequentemente, Deus deseja que sejamos proativos e exerçamos fé ativa diante dos desafios. Ele nos estimula a agir com confiança, mesmo antes de testemunharmos os milagres se realizarem.

Em segundo lugar, essa ordem vai contra o senso comum. Avançar em direção ao Mar Vermelho, quando tudo indica que a passagem é impossível, representa uma obediência inquestionável à vontade divina. Moisés e os israelitas enfrentam um desafio colossal: acreditar que Deus honrará Sua palavra, apesar das circunstâncias parecerem intransponíveis. E então, ocorre o clímax surpreendente da história. Moisés levanta sua mão sobre o mar e Deus, com Sua majestade e poder, provoca um vento forte que separa as águas, criando "um caminho seco no meio do mar".





Esta descrição conjura imagens marcantes de uma parede de água, uma via de lama endurecida e, simultaneamente, um testemunho inquestionável do poder divino sobre a natureza. A divisão do Mar Vermelho não representa somente um milagre; é um símbolo poderoso de libertação e salvação. O povo de Israel, antes escravizado no Egito, presenciava agora uma demonstração palpável da força de Deus a guiá-los rumo à liberdade. *Eles abandonavam não só a terra da sua subjugação, mas também as amarras da servidão.*

A travessia do Mar Vermelho representa um momento de fé e coragem. O povo de Israel, antes duvidoso, agora atravessa por um caminho seco, ladeado por águas suspensas à direita e à esquerda, presenciando o zelo e a proteção divina de forma milagrosa. Também serve como um lembrete perene de que Deus pode realizar o impossível quando Nele confiamos. Em nossas vidas, nos deparamos com nossos próprios mares vermelhos, desafios que parecem insuperáveis. Contudo, essa narrativa nos inspira a depositar nossa confiança em Deus, a tomar passos de fé mesmo sem compreender plenamente Seu plano, e a observar Seu poder transformador em ação.

A divisão do Mar Vermelho é um evento que ecoa através dos séculos, servindo de lembrete de que, assim como Deus libertou os israelitas e os conduziu pelas águas, Ele também pode nos libertar das nossas restrições e guiar-nos rumo a novos inícios.

Assim, devemos aprender com este episódio a *depositar nossa confiança em Deus, a dar passos de fé e a observar os milagres que Ele pode operar em nossas vidas quando nos entregamos plenamente à Sua vontade e amor.* Esta é uma lição que ressoa ao longo dos tempos, incentivando-nos a seguir em frente, mesmo quando o mar à frente parece insuperável, cientes de que Deus pode abrir caminhos onde eles parecem não existir.

## A ruína do exercito egípcio

A passagem pelo Mar Vermelho e o colapso subsequente do exército egípcio constituem estágio da narrativa, proporcionando uma perspectiva inspiradora da intervenção de Deus a favor de seu povo, cumprindo promessas e exibindo soberania. A cena se desenvolve com os israelitas atravessando o Mar Vermelho por um caminho seco feito por Deus.

O texto relata que *"as águas retornaram e cobriram os carros, os cavaleiros e todo o exército do Faraó que havia entrado no mar atrás deles"* Êx 14:28. Esse foi um momento crucial na história, em que o exército egípcio, determinado a capturar ou aniquilar o povo de Israel, sofreu uma derrota espetacular. Podemos aprender várias lições importantes desse evento extraordinário.

Primeiramente, destaca-se a *fidelidade de Deus em honrar Suas promessas*. Deus prometeu libertar os israelitas da escravidão no Egito e conduzi-los à Terra Prometida. A travessia do Mar Vermelho e a derrota dos egípcios materializam essa promessa, lembrando-nos de que Deus cumpre Suas palavras, apesar dos desafios que possamos enfrentar.

Em segundo lugar, o evento *demonstra a soberania de Deus sobre a natureza*. A divisão do Mar Vermelho representa um milagre de grandes dimensões, evidenciando que Deus controla não só os acontecimentos humanos, mas também o universo. As águas que se abrem e depois engolem o exército egípcio testemunham o poder divino sobre o mundo natural.

Ademais, a derrota dos egípcios reforça que *Deus é um protetor incansável de Seu povo*. Diante do mar e do exército inimigo, Deus não só abriu um caminho para a salvação, mas também aniquilou os opressores, mostrando que Ele nos liberta e combate por nós quando necessário. A justiça divina também é uma lição crucial.



O exército egípcio, determinado a recapturar os israelitas ou exterminá-los, foi impedido por Deus, assegurando que a tirania e a injustiça fossem vencidas. Isso nos recorda que Deus é justo, defende os oprimidos e pune os injustos. A narrativa ressalta ainda a importância da fé constante.

*A história ensina que a fé não é um ato isolado; é um compromisso perene de confiar em Deus, não importando as adversidades.* Por último, a queda do exército egípcio é um momento para louvor e adoração. O povo de Israel entoou um hino de gratidão e exaltação.

Após atravessarem o mar e escaparem da perseguição do exército egípcio que os seguia, os hebreus se sentiram aliviados e agradecidos por terem sido salvos por Deus. A liderança, particularmente Moisés e Miriã, liderou o povo em cânticos e louvores em gratidão pela libertação e pela intervenção divina em seu favor. Esta celebração marca um momento significativo na história, simbolizando sua libertação da escravidão no Egito, a união e fortalecimento da identidade e da fé do povo hebreu. Este evento é frequentemente lembrado e celebrado na tradição judaica como parte essencial de sua história e fé.





## Quem era Miriam - Irmã de Moisés

A história de Miriam, irmã de Moisés, é fundamental na Bíblia, especialmente no livro do Êxodo. Ela é uma figura marcante na cultura hebraica, mencionada tanto em Êxodo quanto em Números. Sua história oferece lições preciosas sobre liderança, obediência e resiliência.

Essa jornada é repleta de significados, descubra o papel de Miriam no Êxodo, a libertação dos israelitas do Egito, e como suas decisões impactaram profundamente a narrativa bíblica.

### Protetora

Desde a infância, Miriam assumiu o papel de protetora de Moisés, cuidando dele quando sua mãe o escondeu entre os juncos do rio Nilo. Demonstrando sabedoria, Miriam percebeu a compaixão da filha do faraó e sugeriu que uma ama de leite hebreia cuidasse do bebê, permitindo que sua própria mãe o criasse. Essa ação estratégica salvou Moisés da morte iminente ordenada pelo faraó e o levou a ser criado no palácio, recebendo uma educação egípcia. O papel crucial de Miriam foi fundamental para garantir a sobrevivência e a futura liderança de Moisés.

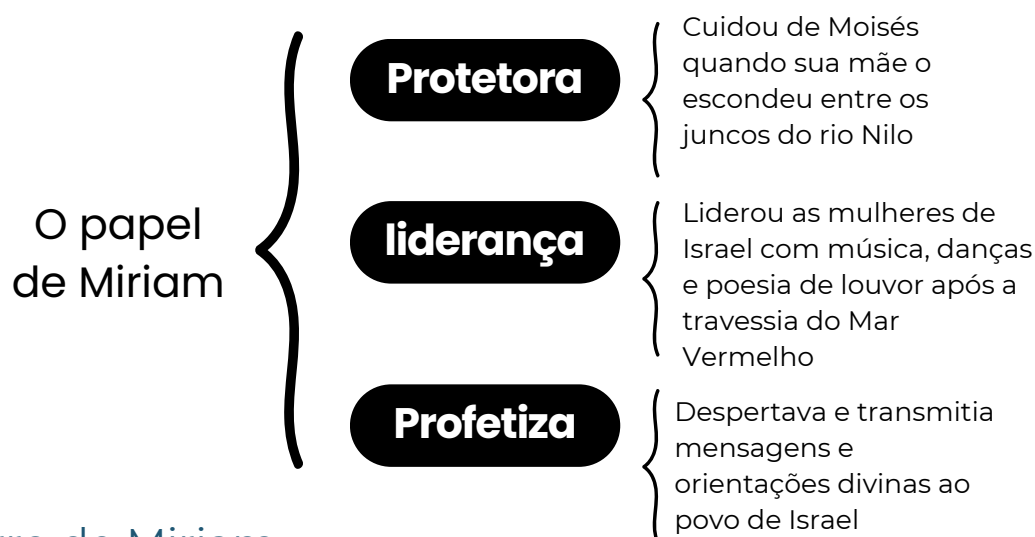


Além de seu papel como protetora, Miriam também era reconhecida como profetisa e líder. Ela liderou as mulheres de Israel com louvor e danças a Deus após a travessia do Mar Vermelho. Seu cântico celebrava a vitória de Deus sobre os egípcios e a liberdade do povo hebreu.

Após a libertação do povo de Israel, Miriam entoou um cântico de agradecimento, destacando a grandiosidade e o poder de Deus. Sua liderança e profecia foram essenciais para a adoração e para unir o povo em um momento tão significativo da história.

*“Cantai ao Senhor, pois triunfou gloriosamente; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Êxodo 15:21).*

Com sua influência e respeito, Miriam desempenhava um papel fundamental na liderança das mulheres de Israel. Seus dons da música e poesia a capacitavam a liderar e inspirar seu povo. Ela foi uma figura de destaque, conduzindo as mulheres em momentos de adoração e gratidão, fortalecendo a fé e o espírito de comunidade.



## O erro de Miriam

Contudo, apesar de seus talentos e liderança, Miriam cometeu um erro grave. Ela permitiu que a inveja em relação à posição de Moisés a dominasse, questionando sua autoridade. Essa atitude invejosa foi corrigida por Deus, que a puniu com a lepra. Miriam contraiu lepra e foi afastada do acampamento por sete dias. Durante esse período, a jornada do povo de Israel pelo deserto foi interrompida. Essa experiência serve como um lembrete da importância de evitar a inveja e reconhecer a liderança e a autoridade designadas por Deus.

Evitar a inveja pode ser um desafio, mas a história de Miriam ilustra as consequências negativas que surgem ao permitirmos que esse sentimento nos domine. A inveja pode levar a equívocos de julgamento, divisões e até mesmo prejudicar nossa saúde e relacionamentos.



*É crucial lembrar que Deus designa líderes e autoridades em nossas vidas por um propósito. Questionar Sua soberania e autoridade significa desafiar Seu plano para nós.*

A punição de Miriam com lepra destaca a importância de nos arrependermos de nossos equívocos e buscarmos a reconciliação com Deus e com aqueles que prejudicamos. Apenas através da humildade e do perdão podemos superar as consequências de nossas más escolhas.

## Falecimento

Miriam faleceu durante a jornada dos filhos de Israel pelo deserto, especificamente na região de Cades-Barneia, onde foi sepultada. Embora sua idade exata seja desconhecida, é provável que ela tenha vivido um longo tempo, já que faleceu perto do término dos 40 anos de peregrinação. Embora a Bíblia não mencione filhos ou casamento de Miriam, a tradição rabínica defende que ela foi esposa de Calebe, uma figura importante na história de Israel, e mãe de Hur, um líder influente. Essa tradição reforça a importância de Miriam no contexto familiar do povo hebreu, além de sua relevância no âmbito espiritual e cultural.

## Legado

Apesar dos equívocos, Miriam deixou um legado significativo. Sua jornada na Bíblia nos adverte sobre os perigos da inveja e ressalta a importância de reconhecer e respeitar a liderança estabelecida por Deus. Podemos aprender com seus erros para evitá-los em nossas próprias vidas. Além disso, suas ações corretas, como a obediência a Deus e a constante celebração, nos motivam a ser instrumentos do Senhor em prol do Seu Reino.

O legado de Miriam destaca-se por suas lições de obediência e fé. Ao longo de sua trajetória, ela demonstrou comprometimento com os princípios de Deus e confiança em Sua soberania. Sua obediência nos inspira a buscar uma aliança com o Senhor, cientes de Sua fidelidade e capacitação.

*“Tenha Miriam como exemplo e encontre a coragem para caminhar com fé e obediência. Seus erros servem de lição para nos precavermos contra a inveja e aprendermos com nossos próprios equívocos. Seu legado nos motiva a celebrar incessantemente e nos recorda da importância de valorizar e respeitar a liderança designada por Deus.”*

A história de Miriam na Bíblia relata desafios, aprendizados e redenção. Em sua jornada, encontramos lições valiosas para nosso crescimento espiritual e pessoal. É importante aprender com a trajetória de Miriam e incorporar seus ensinamentos em nossa vida, buscando sempre obedecer a Deus e celebrar com gratidão cada conquista em nosso caminho.



Após o povo passar a pé enxuto, pelo evento do Mar Vermelho, tinham a boca cheia de cânticos e o coração transbordante de celebração. Eles adoraram a Deus e Miriam compôs uma canção de louvor e adoração em gratidão ao Senhor por ter aberto o mar. O povo estava cheio de um novo louvor e uma nova dança.

Este foi considerado o maior milagre coletivo. Ninguém recusou atravessar o mar por medo de ser uma armadilha, temendo que as águas se fechassem sobre eles ao alcançarem o meio. Contudo, naquele momento, uma coragem e força sobrenatural invadiram o povo, inspirados pelo exemplo de seus líderes à frente.

Os hebreus testemunharam a destruição dos egípcios e vivenciaram um grande livramento divino. Por três dias, caminharam pelo deserto, festejando e dançando jubilosamente. Contudo, a sede os atingiu; encontrando-se sem água no deserto, rapidamente esqueceram a felicidade que haviam sentido. Começaram a reclamar da sede e, em meio às queixas, depararam-se com um poço de água amarga, chegando a desejar bebê-la. A sede os levou a murmurar contra Deus, Moisés e Arão, questionando por que os haviam tirado do Egito para morrer de sede no deserto. Êxodo 15:22-27.

Moisés clamou ao Senhor, que instruiu a ele uma árvore que deveria ser lançada nas águas de Mara, tornando-as doces e potáveis. Essa história destaca não apenas a provisão de Deus para as necessidades de seu povo, mas também a importância da confiança e da paciência, mesmo em meio às dificuldades. Apesar das murmurações do povo, Deus demonstrou sua fidelidade em cuidar deles, mostrando que sempre há uma solução para os desafios que enfrentamos.

Essa passagem é significativa por várias razões:

- *Demonstração da provisão de Deus:* Assim como na travessia do Mar Vermelho, onde Deus demonstrou seu poder ao abrir um caminho através das águas, em Mara, Ele demonstra sua capacidade de prover para as necessidades de seu povo, transformando águas amargas em águas doces.

- *Teste de fé: A situação em Mara foi um teste de fé para os israelitas. Eles foram provados em sua confiança na liderança de Moisés e na provisão de Deus para eles.*
- *Exemplo de intervenção divina: A transformação das águas de Mara é um exemplo da intervenção direta de Deus na vida de seu povo, mostrando sua fidelidade em cuidar deles mesmo em situações difíceis.*

Essa passagem, portanto, é lembrada como um exemplo da bondade e do cuidado de Deus para com seu povo, mesmo em momentos de adversidade.

A lições da murmuração:

**1. A murmuração torna a vida amarga** - O povo não esperou Moisés buscar uma solução para encontrar água. Eles tomaram a iniciativa de irem até o poço e descobriram que as águas eram amargas. A murmuração destrói a vida de qualquer líder. Na precipitação, só encontramos águas amargas. Todas as vezes que não ouvimos o líder e nos precipitamos, encontramos águas amargas. A água amarga atuava como laxante.

Você consegue imaginar três milhões de pessoas com diarreia no deserto, sem recursos, sem absolutamente nada? Ao consumir aquela água, o povo estava prejudicando sua qualidade de vida. Moisés teve que realizar um ato profético para transformar aquelas águas em doces. O Senhor instruiu que ele lançasse uma árvore na água para saciar a sede do povo. Este foi um dos primeiros atos proféticos.

Será que cortar uma árvore e jogá-la em um poço pode realmente tornar a água doce? O que Deus fez? Ele mostrou que Jesus é a água da vida e o único capaz de transformar nossas águas amargas em doces. Não existe outro meio. Muitas vezes, quando abrimos a boca, palavras amargas saem. Reconhecemos a amargura de alguém pelas palavras que profere. Precisamos nos desvencilhar de toda doutrina humanista, pois muitas vezes nossa capacidade de persuasão busca argumentar contra o princípio.

**2. A murmuração Impedir o povo de seguir o líder.** - Quando Moisés não realizou os atos proféticos, o povo continuou enfrentando águas amargas. Se não optarmos por seguir o líder, acompanhando-o de perto, continuaremos a enfrentar desafios. Não há como evitar, pois o líder consegue gerenciar um recurso limitado para muitas pessoas. Moisés foi um líder excepcional, alimentando três milhões de pessoas, fornecendo-lhes água e protegendo-as. Todo líder bem-sucedido aprendeu a importância de controlar suas palavras. É fundamental dominar a língua ou enfrentar as consequências.

**3. A murmuração rouba a promessa** - Todos aqueles que murmuraram não conseguiram entrar na terra prometida, sendo consumidos no deserto. Mesmo tendo presenciado o grande milagre de atravessar o mar a pé enxuto, não alcançaram a promessa.

As águas de Mara simbolizavam a vida do povo, que era amarga. Frequentemente, a comunidade sofre grandes danos por causa de alguém que está contaminado pelas águas amargas de Mara, prejudicando os outros que as bebem. Quando percebemos isso, é semelhante à passagem bíblica que diz: "filho do homem, há morte na panela". Todos já comeram.

Nossa boca pode selar a morte ou proclamar a vida. O deserto é do tamanho de nossas palavras. Com as palavras que pronunciamos, o deserto se prolonga ou diminui. É essencial controlar a língua, pois a murmuração nos mantém estagnados no deserto, enquanto o louvor e a gratidão pelos milagres em nossa vida nos impulsionam a grandes conquistas.

## Propósito de Deus

Cientistas e pesquisadores contemporâneos analisaram as águas de Mara, que ainda são amargas, e confirmaram que são totalmente potáveis e adequadas para o consumo humano. Mas, qual a razão do sabor amargo? Eles também declararam que o gosto amargo provém da alta concentração de produtos e ervas medicinais dissolvidos na água, o que a torna amarga, mas ainda assim segura para beber.

A presença abundante de compostos medicinais na água seria muito oportuna, já que o povo de Israel, ao sair do Egito, apresentava uma saúde debilitada e comprometida pelo tratamento escravo sofrido. Além disso, diante da extensa jornada que ainda teriam pela frente, uma desintoxicação se mostraria como a medida mais acertada a ser tomada naquele momento.

Deus sempre teve um plano para onde levaria seu povo e os preparava para a jornada. Mesmo quando as murmurações começaram no início de sua travessia pelo deserto, Ele não os abandonou. Pouco tempo após realizar o milagre nas águas de Mara, Ele providenciou o maná do céu para nutrir seu povo.

Esta narrativa é mais um testemunho do zelo e da providência divina para com seu povo. Deus intercedeu mais uma vez para prover água aos israelitas, mesmo em meio a um ambiente desértico e inóspito. Ademais, a história nos exorta a depositar nossa confiança em Deus durante os momentos de aflição. Confrontados com a falta de água, os israelitas se angustiaram, porém Moisés suplicou a Deus por socorro, e Ele atendeu suas preces.

A narrativa da água em Mara é um testemunho evidente da atenção e provisão divina para com seu povo. Mesmo diante das dificuldades, Deus sempre apresenta uma solução e uma resposta para nossas necessidades. É possível confiar que Ele nos acompanha em todas as situações e que Seu amor e zelo são constantes. Essa história nos ensina que, ao enfrentarmos obstáculos e contratemplos, podemos invocar a Deus por auxílio, e Ele atenderá nossas preces. Com isso, podemos nos regozijar na esperança de que Deus permanecerá ao nosso lado, zelando por nós e orientando nosso caminho pela vida.

## Oasis Elim

Após o episódio das águas de Mara, mencionado no livro do Êxodo, o povo hebreu continuou sua jornada pelo deserto e chegou a Elim. Elim era um oásis com doze fontes de água e setenta palmeiras, proporcionando um ambiente de descanso e alívio após a escassez de água enfrentada em Mara.

Este oásis de Elim representou um momento de renovação e conforto para o povo hebreu, após as provações anteriores. É descrito como um lugar de descanso e renovação, onde puderam se recuperar e recarregar suas energias antes de prosseguir com sua jornada em direção à Terra Prometida.